



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,  
no contexto da Diversidade Cultural

WESLEY BRUNNO SILVA DO NASCIMENTO GOMES

**PRECONCEITO: COMPREENDER, PREVENIR E  
RECUSAR É O QUE A ESCOLA PRECISA**

Brasília –DF

2015

WESLEY BRUNNO SILVA DO NASCIMENTO GOMES

**PRECONCEITO: COMPREENDER, PREVENIR E  
RECUSAR É O QUE A ESCOLA PRECISA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade de  
Brasília (UnB), como requisito para  
obtenção do grau de Especialista em  
Educação em e para os Direitos  
Humanos no contexto da  
Diversidade Cultural

**Brasília – DF**

**2015**

**GOMES**, Wesley Brunno Silva do Nascimento. Preconceito: compreender, prevenir e recusar é o que a escola precisa. Brasília-DF, novembro de 2015. 36 páginas. Instituto de Psicologia – IP, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural.

IP/UnB-Aprender



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,  
no contexto da Diversidade Cultural

O Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Wesley Bruno Silva do Nascimento Gomes, intitulada Preconceito: compreender, prevenir e recusar é o que a escola precisa fazer, submetido ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, no âmbito da SECADI/MEC, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, foi defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Professora Dra. Eloísa Pereira Barroso – UnB (Presidente)

---

Professor Mestre Clerismar Aparecido Longo – UnB (Examinador/a)

Brasília, novembro de 2015

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CEA – Centro Educacional Alternativo

Fipe - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

MEC – Ministério da Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

UNESCO – Organização das Nações Unidas

## **RESUMO**

O presente trabalho monográfico é fruto de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório e de uma ação interventiva, cujo objetivo principal foi identificar como o preconceito se manifesta no ambiente escolar tendo em vista a compreensão de todos do seu papel na superação do preconceito. Para tanto, foram realizadas observação, entrevistas semiestruturadas com os sujeitos envolvidos, estudantes, professores, buscando uma interação direta e a participação dos mesmos na coleta de informação e, por conseguinte uma ação interventiva na escola vigente com o intuito de despertar nos sujeitos o desejo de buscar um ambiente escolar que previne e recusa o preconceito.

**Palavras-chave:** Preconceito. Escola. Educação. Direitos Humanos

## **ABSTRACT**

This monograph is the result of a qualitative study of exploratory nature and an interventional action, whose main objective was to identify how prejudice is manifested in the school environment, aiming the understanding of all about their roles in overcoming prejudice. To this end, there were observations, semi-structured interviews with those involved, students, teachers, promoting direct interaction and their participation in gathering information and therefore an interventional action in the current school in order to arouse the subject's desire in having a school environment that prevents and refuses prejudice.

## **SUMÁRIO**

Apresentação ..... 10

### **CAPITULO I**

O que é preconceito? O que a escola pensa a respeito..... 14

### **CAPITULO II**

O preconceito no ambiente escolar ..... 19

### **CAPITULO III**

Prevenir e recusar: atitudes que a escola precisa tomar..... 26

Considerações finais ..... 35

Referências ..... 36

## APRESENTAÇÃO

Nunca na sociedade se discutiu tanto, como nos últimos tempos, sobre a diversidade humana. Na atualidade somos chamados a refletir acerca das diferenças que compõe a sociedade. A tolerância, o respeito, a aceitação, mas também a violência, o preconceito, a discriminação, entram na pauta das discussões.

Diante deste cenário a escola tem um papel fundamental nestas discussões, pois as pessoas que a compõe são pessoas diversas, com suas características peculiares, de cultura diversificada. A escola é um espaço de encontro das mais variadas culturas. Neste sentido corroborando com Sousa (2014, p. 10) a escola precisa avançar no sentido de realizar um trabalho educativo que focalize, de forma efetiva, as especificidades culturais desses grupos. Entretanto, vários estudos têm mostrado dificuldades práticas enfrentadas pela escola no desenvolvimento de um fazer pedagógico plural, na intensidade das necessidades dos estudantes.

A escola na atualidade tem um leque de desafios a ser enfrentados. Além das dificuldades enfrentadas na aprendizagem, existe ainda, a compreensão, prevenção e rejeição do preconceito, que não é nada fácil. Por isso a necessidade de um fazer pedagógico significativo que contemple a o enfrentamento deste desafio.

A escolha do tema, Preconceito e Escola, nasce da necessidade que se percebe de se criar um espaço educativo onde o preconceito seja compreendido por todos como algo que pode, ou deve, ser rebatido e rejeitado. No âmbito da concretização das escolas inclusivas, precisamos nos preparar para lidar com a diversidade sem preconceito e exclusão.

Deste modo, o objetivo principal deste estudo é identificar como o preconceito se manifesta no ambiente escolar visando a compreensão de todos do seu papel na superação do preconceito. Nessa perspectiva, procura-se investigar a compreensão que cada sujeito do ambiente escolar tem a respeito do conceito de preconceito; Descrever os limites enfrentados pela escola no

que tange às ações preconceituosas no desenvolvimento de um fazer pedagógico plural que atentada às necessidades dos estudantes; e identificar os tipos de preconceito presentes no ambiente escolar e levantar possíveis abordagens interventivas;

Diante do exposto surge a seguinte questão, qual seja: Quais as dificuldades encontradas pela escola para lidar com o preconceito? com o intuito de apresentar estratégias de como lidar com este desafio dentro do ambiente escolar compreende-se que para mudar essa realidade é preciso primeiramente compreender o que é o preconceito, por conseguinte levantar ações de prevenção e rejeição a partir do projeto interventivo.

Para tanto, a presente pesquisa teve como participes do estudo os estudantes do 8º ao 9º ano Ensino Fundamental II, professores e gestores do Centro Educacional Alternativo no município de Carinhanha, Bahia.

A princípio, no intuito de conhecer o ambiente físico e estrutura instalada para o projeto, bem como acompanhar a dinâmica do desenvolvimento do projeto foram realizadas visitas a escola. A qual está localizada no centro da cidade. Sua estrutura física é composta por uma área de lazer, 1 quadra de areia, 4 salas de aula, 1 sala de multimídia e reuniões, 1 secretaria, 1 sala de professores com banheiro, 1 cantina, 1 banheiro masculino, 1 banheiro feminino e 1 biblioteca. Atende 55 estudantes no Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano).

O corpo administrativo e pedagógico é composto por 1 Diretora (Tecnólogo em Administração), 1 Secretária (Licenciada em Pedagogia), 1 coordenador Pedagógico (licenciado em Pedagogia) e 8 professores com licenciaturas nas áreas de Linguagens, Ciências Humanas e Exatas. Conforme explicita seu Projeto Político Pedagógico – PPP o Centro Educacional Alternativo acredita em uma educação que tem seu olhar voltado para as especificidades culturais de cada grupo, cultivando as suas identidades e abrindo espaço para a troca e o respeito às diferenças.

Os estudantes são na sua maioria de classe média, atendendo ainda alguns de classe baixa. É uma escola que se considera inclusiva, ainda que não tenha todos os aparatos pedagógicos necessários. Atende dois alunos com deficiência, um com dificuldade de aprendizagem e outra com deficiência no desenvolvimento.

Depois de realizado esse levantamento, a pesquisa partiu para a fase de entrevistas semiestruturadas e discussões em grupos, as quais foram realizadas com os estudantes do 8º e 9º ano, professores, diretor e coordenação pedagógica.

De posse das ideias dos estudantes e todo corpo pedagógico da escola a respeito do preconceito foi posposto a intervenção, onde os envolvidos com a pesquisa foram convidados para dois encontros:

1º encontro - Mesa redonda: O que é o preconceito? – Este encontro deu-se início com a acolhida dos estudantes. Por conseguinte foi feita a mesa de debate composta pelo pesquisador, por uma professora da unidade de ensino, um estudante do 9º ano e um convidado, o qual é pedagogo, pesquisa sobre o Bullying e já foi vítima de preconceito na escola. As discussões foram moderadas pelo pesquisador e cada membro da mesa pode apresentar suas ideias sob o respectivo tema. Para enriquecer o debate os estudantes foram divididos em subgrupos onde foram levados a refletir sobre: O que é Preconceito? Como ele se manifesta na escola? Podemos Rejeitá-lo? Após as discussões nestes pequenos grupos, novamente reuniram-se todos para partilhar as ideias então discutidas.

2º encontro - Sessão Cinema – neste dia foi exibido o filme Um sonho possível e por conseguinte realizado um debate tendo por tema central: Quais as estratégias para prevenir e rejeitar o preconceito.

Sequencialmente os dados coletados na pesquisa foram analisados e sistematizados, e os resultados encontrados serão apresentados neste trabalho em três capítulos:

No primeiro capítulo, O que é o preconceito? O que a escola pensa a respeito. Procurar-se-á abordar o conceito de preconceito, contrapondo as ideias teóricas com a visão dos estudantes e professores a seu respeito.

O segundo capítulo, O preconceito no ambiente escolar foi dividido em duas partes, a primeira O preconceito na prática procura evidenciar os tipos de preconceito e como eles são abordados no espaço escolar. E a segunda parte Bullying, preconceito que ameaça a dignidade humana mostra um dos tipos de preconceito identificado pelos professores e também pelos próprios estudantes a partir do projeto interventivo.

No terceiro capítulo, Prevenir e recusar: atitudes que a escola precisa tomar, mostra a análise dos dados coletados durante as ações interventivas trazendo as ações que escola precisa fazer para superação do preconceito, a luz da opinião dos próprios estudantes e professores.

Nas considerações finais da pesquisa procuraremos estabelecer uma síntese do tema estudado a partir dos estudos propostos a luz dos conceitos utilizados para fundamentar o projeto interventivo, bem como para analisar os resultados procedentes destas ações.

Por fim, espera-se que as ideias apresentadas neste trabalho possam aguçar o senso crítico presente em cada ser que dele tomar posse e, também, contribuir para uma ação pedagógica que contemple a rejeição do preconceito no espaço escolar.

## CAPITULO I

### O QUE É PRECONCEITO? O QUE A ESCOLA PENSA A RESPEITO

A escola é por excelência uma reunião da diversidade. O convívio das diferenças pulsa no ambiente escolar, deste modo, há também a necessidade de uma convivência de respeito onde todos se sintam a vontade e tenham seus direitos respeitados. Conforme Menezes (2012) "A escola é um espaço privilegiado para aprender a resolver conflitos e conviver com a diferença".

Porém, sabemos que o convívio diário das diferenças não é nada fácil, mas, também, não é impossível. A escola pode promover um ambiente sadio, capaz das diferenças conviverem entre si com respeito e valor. Ocorre que os estudantes chegam para a escola com uma pré-formação de seus conceitos, muitos já possuem pensamentos e comportamentos próprios. O mesmo ocorre com professores, que não tiveram uma formação cidadã, que foram educados em outros tempos. Por isso, agem de maneira preconceituosa sem, às vezes, nem perceber.

Sabemos que essa reunião das diferenças no ambiente escolar é onde ocorrem as maiores situações de preconceito. Muitos estudantes, por serem diferentes da maioria dos outros estudantes, são quase sempre expostos a uma situação preconceituosa. É o menino da fala fina, é o negro, é o branco demais, é a do cabelo crespo, é o obeso, é o raquítico, e tantas outras características pessoais que se tornam foco para a ação preconceituosa.

Neste sentido,

As diferenças existentes entre as pessoas não são vistas como algo positivo que resultaria numa relação dialógica, múltipla, ao contrário disso, a diferença causa um desconforto que impede que se reconheçam no outro as qualidades inerentes àquelas diferenças. Esse comportamento de repulsa às diferenças é denominado preconceito (SCOPEL E GOMEZ, 2006, p. 6).

Mas o que é mesmo o preconceito? O que a escola pensa a esse respeito?

O termo preconceito nos remete a significados ambíguos, ou seja, pode apresentar vários sentidos. Por exemplo, quase sempre pensamos no preconceito como algo negativo, pejorativo, ofensivo. Neste sentido, McLaren (1997, p. 212 *apud* SCOPEL E GOMEZ, 2006, p. 6) conceitua o preconceito como um

Prejulgamento negativo de indivíduos e grupos com base em evidências não reconhecidas, não pesquisadas e inadequadas. Como essas atitudes negativas ocorrem com muita frequência, elas assumem um caráter de consenso ou cunho ideológico que é, muitas vezes, usado para justificar atos de discriminação.

Por outro lado, Cortella e Ferraz (2012, p. 13) diz que a ideia de preconceito em si não é necessariamente negativa em relação a alguém, alguma ideia ou algo. Conforme explicita os mesmos

O preconceito é uma manifestação que não passou pelo crivo crítico. Não foi peneirada por uma ponderação, por uma reflexão. Desse ponto de vista, existe, sim, preconceito a favor e preconceito contra (Cortella e Ferraz 2012, p. 14).

Para esses autores o preconceito pode ser positivo quando uma pessoa tem um pensamento favorável a respeito do outro sem um processo reflexivo antecipado. Quando você elogia alguém, dá qualidades a uma pessoa, sem passar por uma reflexão aprofundada. Já o preconceito negativo, é aquele que oprime, que machuca, que exclui, que também é um pensamento e um posicionamento que a pessoa faz sem refletir anteriormente. O que queremos discutir neste trabalho.

A esse respeito, Heller (1989, p. 43) afirma que o preconceito é categoria do pensamento e do comportamento cotidiano. Por outro lado, como enfatiza a mesma não é por fazer parte da vida cotidiana que os preconceitos

devem ser naturalizados e aceitos. A autora enfoca, ainda, que “quem não se liberta de seus preconceitos artísticos, científicos e políticos acaba fracassando, inclusive pessoalmente” (HELLER, 1989, p. 43).

Portanto o que é o preconceito? Para melhor conceituar o termo vamos partir do seu sentido etimológico, portanto, a palavra preconceito é formada por duas partes distintas: *pré* - que dá ideia de algo anterior, antecedente, que existe de forma primária, primeira, precedente; e *conceito*, aquilo que se entende ou compreende a respeito de algo. O termo é derivado do latim *conseptus*, que se refere à construção ideal do ser ou de objetos apreensíveis cognitivamente. Partindo deste preâmbulo o preconceito diz respeito, então, a uma ideia formada anteriormente à verificação dos fatos, utilizando-se de características julgadas universais.

A esse respeito, Cortella e Ferraz (2012, p. 14) explica que o preconceito é “uma adesão automática a uma ideia, a uma pessoa, a uma concepção, a um posicionamento sem fundamento de reflexão.” Completa os autores que “o preconceito é a indicação de uma simpatia ou de uma antipatia que não passam por uma reflexão mais densa e mais rigorosa”.

Deste modo, conclui-se que o preconceito é um prejulgamento que se faz de uma pessoa ou de algo, podendo ser positivo ou negativo.

Ao questionar os estudantes a respeito muitas foram as opiniões, que cruzam entre si e não foge muito do verdadeiro sentido. Um dos estudantes respondeu que “*o preconceito é um ato cometido por pessoas que não enxergam a qualidade e sim a aparência, que acham que todos tem que ter o mesmo gosto, o mesmo estilo...*” (Estudante A, 22/08/2015, CEA, 20min). Nota-se que o Estudante A se refere ao preconceito como uma ação de uma pessoa que não aceita a diferença, que não observa a qualidade que esse ser diferente tem e o julga pela aparência.

O preconceituoso sempre vai se colocar com a razão, jamais aceita a opinião do outro, não aceita que alguém o contradiga. No caso de estudantes, geralmente quando este vê uma pessoa nova na escola costuma julgá-la pelo

que aparentemente ela demonstra ser, não se atentando para conhecê-la primeiramente. Corroborando com esta ideia, a Estudante B em sua resposta diz que *“o preconceito é quando um certo grupo de pessoas despreza alguém por ser diferente e deixam essa pessoa de lado ou acontece quando uma pessoa é de outra cor”* (Estudante B, 25/08/2015, CEA, 30mim). Nesse mesmo sentido o Estudante C afirma ser o preconceito *“um ato de discriminar um determinado grupo seja ele de índios, negros, gordos, ou qualquer outro grupo”* (Estudante C, 24/08/2015, CEA, 25mim).

Cortella e Ferraz (2012, p. 16) enfatizam ainda que a ação preconceituosa é algo automático e que a pessoa se utiliza do que já sabia, assim *“o preconceito é uma clonagem, porque usa o que já se sabia para decidir se algo é válido ou não. O preconceito resulta de um critério automatizado”* (CORTELLA E FERRAZ, 2012, p. 16).

O preconceito é algo capaz de desarmonizar o ambiente escolar, e quem o pratica, quase sempre, quer se colocar na condição de superioridade. Como diz a Estudante D, *“o preconceito é um ato de um homem que quer se sentir superior”* (Estudante D, 26/08/2015, CEA, 30mim). E essa prática é *“uma redução mental que produz a diminuição da capacidade de conviver, de refletir, de fazer melhor, de inovar e de partilhar”* (CORTELLA E FERRAZ, 2012, p. 17). Assim, passamos a ter um espaço de trabalho doente, sem paz, desarmônico, pois o preconceito estilhaça a ética libertadora e protetora da vida plena e consciente.

Será que o preconceito pode ser uma coisa boa? Sem más intenções? Algo construtivo? Perguntou-se aos estudantes: o preconceito é uma coisa boa ou ruim? Mesmo alguns tendo a noção do conceito, como algo, que se faz sem pensar, a maioria dos estudantes identificam o preconceito como algo ruim, como uma ação negativa. Como apresenta a Estudante E, *“o preconceito para mim é quando um alguém despreza uma pessoa, faz uma coisa que a pessoa não gosta, tipo põe apelidos nos outros, falar mal da pessoa e briga com ela”* (Estudante E, 25/08/2015, CEA, 30mim).

As repostas dadas pelos professores, não foge muito dos sentidos já apresentados até então. Para eles o preconceito é esse prejulgamento, esse levantamento de uma ideia a respeito de algo ou alguém, sem fundamento ou sem conhecimento. Um dos entrevistados diz que muitas vezes isso ocorre involuntariamente, na força do hábito, sendo algo que precisa ser combatido, pois atrapalha no desenvolvimento das aulas, e até mesmo no desenvolvimento do estudante que passa pela situação preconceituosa.

Recorrendo aos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) estes afirmam que

O preconceito é contrário a um valor fundamental: o da dignidade humana. Segundo esse valor, toda e qualquer pessoa, pelo fato de ser um ser humano, é digna e merecedora de respeito. Portanto, não importa seu sexo, sua idade, sua cultura, sua raça, sua religião, sua classe social, seu grau de instrução, etc.: nenhum desses critérios aumenta a dignidade de uma pessoa.

Junta a essas ideias a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB Lei nº 9394/96) traz a importância da valorização da diversidade humana dentro do ambiente escolar, tendo a educação, a escola propriamente dita, como formadora da cidadania. Assim, recusa toda e qualquer ação preconceituosa que venha ferir a dignidade humana.

Deste modo, corroborando com Scopel e Gomez (2006) a escola tem um papel fundamental na socialização de valores pertinentes ao reconhecimento e respeito às diferenças dentro da sociedade, pois é tida como local de experiência para a apreciação das diversas formas. Portanto, sendo a escola, um espaço onde o preconceito se manifesta constantemente e, também, responsável pela formação cidadã, o combate, a rejeição e exclusão do preconceito precisa iniciar no ambiente escolar.

## CAPITULO II

### O PRECONCEITO NO AMBIENTE ESCOLAR

Ao se tratar da manifestação do preconceito na escola as autoras Scopel e Gomez (2006) faz referência ao processo histórico da educação. As mesmas enfatizam que na sociedade o preconceito emerge no dado momento em que ela deixou de ser um espaço coletivo, onde tudo que era produzido pelo homem era repartido por igual entre si.

Assim, Brandão (1994, p. 102 *apud* Scopel e Gomez, 2006, p. 6) enfoca que

Quando o fruto do trabalho acumula os bens que dividem o trabalho, a sociedade inventa a posse e o poder que separa os homens entre categorias de sujeitos socialmente desiguais. A educação aparece como propriedade, com sistema e como escola. O saber transforma-se em instrumento político de poder.

A esse respeito Scopel e Gomez (2006, p. 6) vão dizer que

os fins da educação deixaram de estar implícitos nos interesses da comunidade geral, o que originou o desaparecimento dos interesses da comuns substituídos pelos interesses distintos e o processo educativo que, até então, era único, ficou dividido pela desigualdade econômica entre os membros da comunidade.

Deste modo, o preconceito surge na sociedade ao mesmo tempo em que as desigualdades sociais. E na educação não é diferente. A partir do momento que começa a ter uma classe dominante e uma classe dominada, a educação passa a ser uma reprodução de uma ordem social desigual e discriminatória, onde os valores que são passados acabam por manter os interesses particulares da classe dominante.

A escola surge nesse bojo, quando essa classe dominante sente a necessidade de se ter um ambiente específico para tratar da educação dos

filhos. E por muito tempo foi a escola este espaço privilegiado para os filhos dessa classe. Portanto, os preconceitos existentes neste ambiente se dão por uma herança de um passado excludente e discriminatório, que por outro lado, hoje tentamos e vemos a necessidade de corrigi-lo.

Mas, os preconceitos não são os mesmos, assim como as pessoas, as ações preconceituosas vão mudando conforme o tempo. Cortella e Ferraz (2012, p. 46) enfatizam que conforme a época e o contexto, o uso de alguns termos pode esconder ou explicitar preconceitos. Daí o fato de alguns vocábulos serem substituídos, e outros saírem do circuito. Deste modo, a manifestação do preconceito varia de acordo com o tempo ou com a realidade.

Os mesmos autores vão nos dizer que

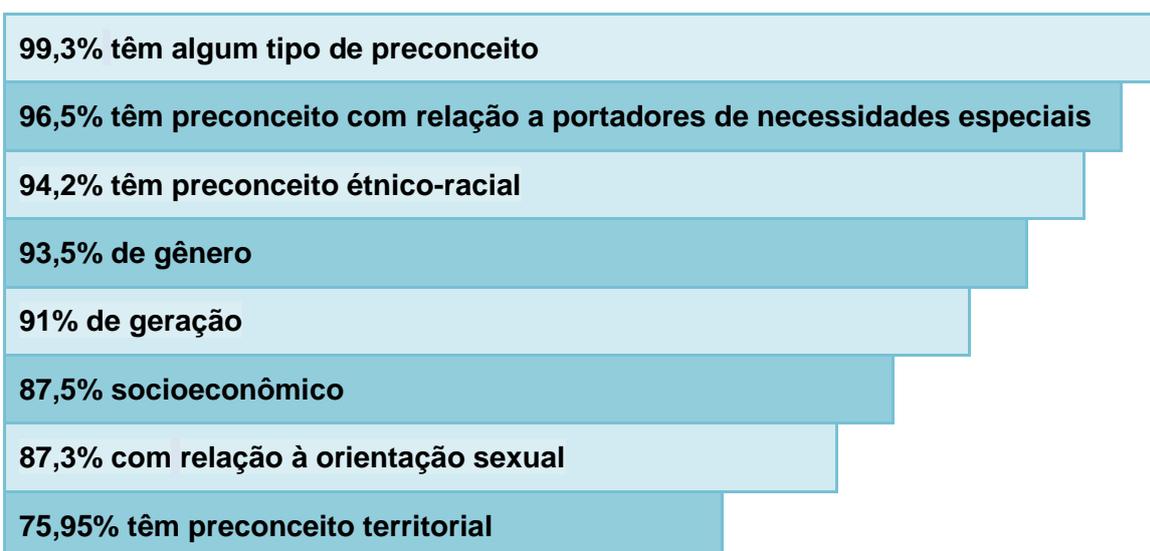
Há tratamento que não são considerados preconceituosos em determinada época, mas acabam chamando a atenção das pessoas, que percebem a intenção maléfica no bojo das palavras. Essa tomada de consciência resulta de dois movimentos. Primeiro, as vítimas se manifestam, seja sob forma de reação ou de organização. Segundo, que os vitimadores também percebem que aquele determinado tratamento continha um teor discriminatório. (CORTELLA E FERRAZ, 2012, p. 49)

Então a partir do momento que uma organização ou um grupo de pessoas começam a enxergar que o uso de determinado termo gera uma exclusão ou contribui para a proliferação do preconceito, têm-se um estudo, uma análise, e posteriormente a rejeição desse termo, tanto no ambiente escolar como na sociedade como um todo.

Olhando para nossa realidade verifica-se que hoje no Brasil o negro é assim chamado naturalmente, o termo é bem aceito, o que em outros tempos poderia gerar um mal estar, ou mesmo significar uma ação preconceituosa.

No contexto escolar isso não é diferente, o que hoje enquanto educadores vemos como preconceito na escola diferencia do preconceito que vivenciamos na vida de estudante. E como o preconceito tem manifestado no ambiente escolar?

Para responder a esta questão vejamos os resultados da pesquisa Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar realizada pela Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) em 2009. A pesquisa ouviu 18.599 pessoas, entre elas estudantes, professores, pais, mães e responsáveis, diretores e funcionários de 501 escolas públicas.



Fonte: Fipe/MEC

Conforme explicita o quadro acima praticamente todas as pessoas que fazem parte do convívio escolar possuem algum nível de preconceito. Isso revela o quanto se tem de manifestação diária do preconceito nas classes e na escola como um todo. Vivemos no auge da inclusão, mas além de preparar o ambiente físico da escola para receber o estudante deficiente, precisamos preparar o humano, que de acordo a pesquisa 96,5% das pessoas possui preconceito contra esse público.

A pesquisa revela, ainda que 99,9% dos entrevistados desejam manter distância de algum grupo social. Onde os deficientes intelectuais são os que aparecem com 98,9%, seguido pelos homossexuais com 98,5%, ciganos (97,3%), deficientes físicos (96,2%), índios (95,3%), pobres (94,9%), moradores da periferia ou de favelas (94,6%), moradores da área rural (91,1%) e negros (90,9%).

E isso é uma realidade que podemos perceber no nosso convívio escolar. Ao entrevistar os estudantes a esse respeito, é notório na fala de todos

essa consciência da manifestação do preconceito na escola, e entre os colegas. Nenhum dos entrevistados afirma a inexistência do preconceito no âmbito escolar.

E o que se percebe é que essas atitudes preconceituosas não se dão somente por uma pessoa, mas por um grupo “organizado”. Como afirma esta estudante: *“ele se manifesta na escola quando um grupo de pessoas fica jogando piadinhas para cima de uma pessoa, que não tem condições de se defender.”* (Estudante A, 24/08/2015, CEA, 20mim). O que é a realidade, quase sempre a vítima é incapaz de se defender.

Outro estudante vai nos dizer que *“muitas pessoas julgam a outra pela sua imagem, pelo o que ela tem”* (Estudante B, 25/08/2015, CEA, 30mim), e como sabemos são desses julgamentos que nascem as atitudes preconceituosas. *“Na escola acontece começando com uma simples brincadeira”* é o que fala um dos entrevistados, e continua *“um apelido, uma brincadeira divertida e depois começam a levar a sério a pegar pesado é aí que começa o preconceito na escola”* (Estudante C, 24/08/2015, CEA, 30mim).

O preconceito é algo que está impregnado na cultura, e que dia menos dia ele vem à tona. Vale considerar que o preconceito, também, se perpetua por ações e pensamentos automatizados, o pensamento automático é um dos responsáveis por manter o preconceito na ativa em nosso meio (CORTELLA E FERRAZ, 2011, p. 55), ou seja, aquilo que penso e falo sem passar por nenhum crivo reflexivo, por já possuir uma opinião a respeito, por já ter escutado alguém falar sobre, ou por ser uma visão que trago da minha família.

Corroborando com esta ideia Munanga (2008, p. 11) declara

Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em decorrência desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeia nossa sociedade.

Em se tratando a respeito da manifestação do preconceito racial na escola Munanga (2008, p. 11) afirma que o preconceito racial está presente não só nas relações pessoais, como também nos instrumentos pedagógicos:

“[...] sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais, carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar.”

Ou seja, o papel inferior do negro referente aos povos orientais, a submissão, a escravização, entre outros, quase sempre se manifesta na escola através de imagens do próprio material didático.

Corroborando com estas ideias dois dos estudantes entrevistados citaram em sua resposta a presença do preconceito racial no convívio escolar. O estudante D faz duas referências: primeiro, a imagem da mulher negra na sociedade, que muitas vezes é utilizada como escrava, empregada, prostituta ou outras coisas piores e o segundo o genocídio de jovens negros, os quais são mortos muitas vezes por policiais, o fato de serem negros remete ao banditismo. O estudante E diz: *“muitas vezes eu vejo na escola racismo com os meninos negros.”* (22/08/2015, CEA, 20mim)

Ao se referir ao racismo um dos professores entrevistados apresenta um breve relato:

*“Isso me faz recordar algo que presenciei assim que comecei a lecionar. Tínhamos um estudante (negro) muito cheio de piadinhas, brincadeiras, coisas de adolescente. Era uma turma do 7º ano. Em uma das aulas, ele com suas gracinhas, irritou a professora que tentava corrigir o exercício, e a atitude da mesma foi repreendê-lo dizendo: menino, você além de ser preto, sujo, ainda é burro. Isso gerou uma bagunça na escola, aluno processando professora... Mas a direção conseguiu contornar tudo aquilo. (Professor A 26/08/2015, CEA, 40mim).*

Trago isso para ilustrar a manifestação do preconceito na escola, especificamente na sala de aula, o que, às vezes, é uma brincadeira se torna um pesadelo, uma confusão. E nem sempre há contorno. O preconceito não está somente entre os estudantes, mas também na relação professor estudante. Como afirma Munanga (2008, p. 12) o preconceito está incutido na cabeça do professor que muitas vezes é incapaz de lidar com a diversidade.

É importante destacar aqui a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, a qual altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino fundamental e médio público e privado a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Tendo em vista a reparação do direito dos africanos e indígenas, dos quais origina-se a história do povo brasileiro e o começo para a recusa do preconceito do ambiente escolar.

Entretanto, são muitas e diversas as ações preconceituosas na escola. E como afirma a maioria dos entrevistados o preconceito começa com pequenas brincadeiras que depois vão tomando outras proporções, que se não cuidar gerará grandes transtornos. O professor e o corpo administrativo da escola precisam está atentos a essas ameaças a dignidade humana. Em outras palavras, precisam recusar ou mesmo abolir o preconceito do ambiente escolar.

Foi partindo deste preâmbulo que se viu a necessidade da intervenção realizada. É notória no convívio escolar ações preconceituosas, pequenos gestos que se não cuidado a tempo pode trazer inúmeras consequências para a relação humana.

O preconceito é algo que fere a dignidade humana, como falar de direitos humanos em um meio onde as pessoas fazem vistas grossas ao preconceito?

Deste modo, ao pesquisar a concepção de cada um sobre o conceito de preconceito e suas manifestações no ambiente escolar foi proposta uma discussão mais aprofundada, neste caso o projeto de intervenção, que parte da

premissa de que a escola tem um papel fundamental na luta pela superação do preconceito. Compreende-se que essa intervenção não resolveu todos os problemas, mas deixou em cada um a vontade de lutar contra o preconceito na escola, começando a se policiar, a policiar sua fala, a medir as brincadeiras e a refletir antes e até mesmo depois.

Como descrito na apresentação deste trabalho a intervenção se deu em dois encontros, o 1º encontro uma mesa redonda, cujo tema foi: O que é o preconceito? Algo bem mais conceitual, e aqui se apresentou um pouco das falas das entrevistas realizadas e um pouco de teoria. E novamente os estudantes foram convidados a refletir sobre o tema, porém em pequenos grupos e por conseguinte apresentar suas ideias.

Já o 2º encontro pensou-se em algo mais prazeroso, uma Sessão Cinema, onde se exibiu o filme Um sonho possível, um filme dirigido por John Lee Hancock, conta a história de Michael Oher, um adolescente negro e filho de uma dependente química, o qual fica sob a guarda do Estado até que um dia foi avistado pela família de Leigh Anne Tuohy, andando em direção ao estádio da escola para poder dormir longe da chuva. O garoto que possuía grandes habilidades esportivas encontra nessa família apoio para o seu sucesso no esporte americano.

Contudo, verifica-se que a promoção dos direitos humanos começa com pequenas ações, como a luta pela superação do preconceito no ambiente escolar e, por conseguinte na própria sociedade.

### CAPITULO III

#### PREVENIR E RECUSAR: ATITUDES QUE A ESCOLA PRECISA TOMAR

O preconceito é algo que se faz presente constantemente no ambiente escolar. E isso, ainda que não percebamos, prejudica o desempenho e desenvolvimento dos estudantes, especificamente os que são vítimas do preconceito. E o que podemos fazer para reverter este quadro?

Para o Professor Luis Carlos de Menezes (2012), consultor da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) a escola é um espaço privilegiado para aprender a resolver conflitos e conviver com a diferença. Deste modo, precisamos aproveitar este espaço para a luta a favor da superação do preconceito e promoção dos direitos humanos.

Como nos esclarece Munanga (2008, p. 13) não adianta criar leis e punições, se o ser humano recebe uma na sua educação uma cultura da exclusão. Corroborando com o autor,

não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos [...] (MUNANGA, 2008, p 13).

Neste sentido, a escola tem um papel fundamental no combate ao preconceito. Apesar da complexidade dessa tarefa, é necessário compreender a importância da transformação da mente de todos os que fazem parte deste ambiente.

Como enfatiza Heller (1989, p. 43), o preconceito é categoria do pensamento e do comportamento cotidiano, e não é por está presente no dia a dia da vida humana que os preconceitos devem ser naturalizados e aceitos. Nas palavras da autora vamos encontrar o seguinte esclarecimento, “quem não

se liberta de seus preconceitos artísticos, científicos e políticos acaba fracassando, inclusive pessoalmente” (Heller, 1989, p. 43).

Partindo destes pressupostos o projeto de intervenção vai de encontro a uma realidade que com e sem perceber preserva no seu espaço escolar atitudes preconceituosas. E o que chama a atenção é que o próprio público escolar tem a resposta para se evitar e recusar o preconceito.

Nitidamente, percebe-se o compromisso e papel da escola neste trabalho, quando, por exemplo, ao serem questionados a respeito de como evitar o preconceito na escola, cinco dos estudantes responderam que é necessário desenvolver projetos “pedagógicos”, diz a Estudante H *“para evitar o preconceito na escola podemos criar projetos, distribuir cartazes e colar na escola”* (Estudante H, 24/08/2015, CEA, 30min).

Da mesma forma nos respondeu os professores entrevistados, apontando a importância de se desenvolver projetos para trabalhar com as questões do preconceito no ambiente escolar. Como afirma um dos professores entrevistados,

o preconceito é algo muito sutil, nem sempre o percebemos na escola, mas sabemos que ele existe. Acredito que uma das maneiras que se tem de recusar o preconceito é construindo um projeto para a escola, pois todos nós professores trabalhamos no mesmo rumo, com as mesmas ideias. (PROFESSOR C, 27/08/2015, CEA, 25min).

Vale salientar que muitas vezes só se discute sobre o preconceito no mês de novembro quando se celebra o dia da Consciência Negra, quando na realidade não somente o negro é vítima do preconceito, mas todas as pessoas, principalmente as que têm uma diferença visível das outras pessoas do grupo. Possivelmente o Projeto Didático elaborado acima da realidade que se vive pode auxiliar na resolução de um determinado problema. Podemos tomar como exemplo o próprio projeto interventivo do qual se trata este trabalho.

Mediante estudos e análises percebeu-se um problema no ambiente escolar e pensou-se em um projeto de intervenção, acompanhado de pesquisa,

para ajudar a escola na resolução do referido problema, que era a relação preconceituosa entre os discentes.

Assim, percebe-se que após a intervenção realizada na escola os estudantes e professores têm buscado se posicionar de maneira crítica frente às “brincadeiras” preconceituosas. Ao colocar estudantes e professores frente a sua própria realidade, as suas próprias ações, permite que ambos se autoavaliem e tomem atitudes positivas no seu comportamento no ambiente escolar.

Uma das formas do preconceito se manifestar no ambiente escolar é o bullying, algo que parece novo, dos tempos atuais, mas que é um visitante dos espaços escolares há muito tempo.

*“Para mim uma das maneiras do preconceito se manifestar na escola é o bullying” (Professor A 26/08/2015, CEA, 40min)* ilustra um dos professores entrevistados.

Durante a aplicação do projeto interventivo, quando se deu o espaço para as discussões um dos participantes começou a falar da sua experiência numa outra escola. Este é repetente e possui dificuldades de aprendizagens, dizia:

*“Eu vou contar uma história sobre mim, é claro, numa escola chamada (...) no primeiro dia na escola eu gostei conheci um amigo João Paulo, aí no segundo dia um colega Cesar veio mim xingar, me empurrar, colocar apelidos ne mim e quando cheguei em casa contei para minha mãe e para o meu pai, no outro dia meu foi na direção e reclamou e me trouxe para esta escola. Também tinha uma professora muito dura eu não conseguia nem olhar para ela, eu não queria voltar mais para aquela escola. Graças a Deus que minha mãe encontrou essa escola aqui” (Estudante I, 27/08/2015, CEA).*

No depoimento deste estudante, é notório que o mesmo foi vítima de um preconceito que dificultou seu retorno à escola. A violência verbal sofrida deixa marcas como a violência física, o olhar oprime o outro, diminui e o faz se sentir rejeitado. Daí vem a necessidade de recomeçar em outra escola. Mas nem todos têm essa mesma oportunidade, de recomeçar em outra escola, ficam durante muito tempo guardando para si, sofrendo no silêncio as marcas do preconceito.

O bullying é uma prática violenta que visa a exclusão da vítima, o ofensor se coloca na condição de melhor e o ofendido é rejeitado e inferiorizado. Este é um problema mundial e sua manifestação se dá em vários espaços da sociedade, inclusive dentro da escola.

Conceitualmente, o bullying é uma palavra de origem inglesa (bully= “valentão”) isto é, que se refere as todas formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas de intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduo. Causando dor e angustia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

No decorrer da pesquisa e da intervenção muitos estudantes faziam relação do preconceito ao bullying, aja vista que o bullying é um tipo de preconceito que além de depreciar o outro, trás sérias consequências para a sua vida.

Nas palavras de Cortella e Ferraz (2012, p. 68):

[...] não se pode supor que o bullying é apenas uma forma de preconceito. Ele é o preconceito em um nível elevado de ofensa e agressão porque tem como intenção excluir a pessoa. Nem sequer é tolerância passiva, mas sim a tentativa de arrancar o outro do convívio por considerá-lo diferente.

Pode-se verificar isso no depoimento do estudante no início deste tópico, o mesmo é rejeitado e ofendido por possuir uma diferença visível em relação ao grupo, por isso é rejeitado e vitimado grosseiramente.

Se a escola precisa rejeitar o preconceito, mais ainda quando esse já pode ser classificado como bullying. E como identificar tudo isso no ambiente escolar? Muitos dos entrevistados fazem alusão do preconceito às “brincadeiras”, existem brincadeiras que realmente as são, dá prazer, dá vontade de entrar e não sair, ao contrário o bullying fere, exclui, rejeita e quem o sofre não tem vontade de entrar mais para a “brincadeira”.

De certo, a escola precisa se organizar nos trabalhos em prol das campanhas contra o preconceito, e o planejamento, ou mesmo os projetos, são fundamentais. Para tanto, é preciso começar pela tomada de consciência, estudantes, professores, pais e todo público precisa saber o que é o preconceito, saber identificá-lo e posteriormente trabalhar com a prevenção e recusa. Não há como recusar uma ação preconceituosa se as pessoas continuam as enxergando como uma “simples brincadeira”.

Como enfatiza a Estudante E precisamos evitar “*até mesmo o refrão de músicas colocando a aparência física de pessoas, seu nome, a cor da sua pele até o seu jeito de ser*” (Estudante E 22/08/2015, CEA, 20min). A mudança precisa começar nas pequenas atitudes, nos pequenos gestos, nas simples palavras, que tentamos nos enganar que não ofende o outro.

Por outro lado, as raízes do preconceito desenvolvem-se a partir da infância, assim a dificuldade em lidar ou identificar o preconceito envolve nosso processo de formação desde muito cedo, pois fomos cegados pelas práticas sociais preconceituosas, começando pelo convívio na família (Silva, 2005, p. 140). Por isso, se faz necessário trabalhar com o respeito as diferenças, ou melhor, com a superação do preconceito, desde a educação infantil.

Ao se referir ao ambiente familiar, vale considerar o que nos respondeu um dos entrevistados, quando afirma que precisamos “*evitar o preconceito desde a nossa casa, pois até pessoas da nossa família cometem preconceito sem perceber que está provocando a ira do familiar*” (Estudante F 23/08/2015,

CEA, 25min). Retomando a fala de Silva (2005, p. 140), as raízes do preconceito estão no seio familiar, daí a necessidade de se pensar a escola não somente como um espaço de estudantes, mas um espaço da família, onde todos devem ser convidados a está presente, e neste ensejo discutir e abordar temas relevantes, como o preconceito.

Voltando aos projetos que a escola precisa desenvolver, estes devem ser elaborados com um intuito de atingir toda escola, e quando dizemos “toda escola”, isso envolve todos os atores, tanto os que estão diariamente no ambiente físico, como os que aparecem com menor frequência, neste caso, a família.

Por mais que tenhamos crianças e adolescentes com valores invertidos, a escola precisa se colocar a favor da dignidade humana. Neste sentido, afirma Menezes (2012)

Muitas formas de intolerância resultam de visões e superstições presentes nas relações familiares e afetivas e de valores disseminados na sociedade. Em oposição a isso, a escola deve estimular crianças e jovens a identificá-las em piadas, notícias, torcidas esportivas, filmes de ação e novelas e discutir suas origens sociais e históricas.

Ou seja, é preciso instigar nos estudantes a curiosidade de investigar de onde se origina certas ações preconceituosas, para que sabendo sua origem possam compreender seu contexto histórico e possivelmente recusá-las.

Vale considerar que em se tratando de educação não é a escola somente a responsável. Cabe a escola a escolarização do sujeito que está incluída na educação. A educação de modo mais amplo compete ao conjunto família, escola e sociedade. Mas como afirma o grande educador brasileiro, Paulo Freire, não é a escola que irá mudar o mundo, mas sem a escola, tampouco, o mundo mudará.

Assim, também, a luta na superação do preconceito não se restringe a escola. Acredito que é de competência de todas as instituições que atuam direto ou indiretamente com o ser humano a valorização e respeito a diferença. Conforme explicita Scopel e Gomez (2006, p. 8) lidar com valores de

reconhecimento e respeito às diferenças é tarefa para a sociedade como um todo, sendo capaz de mudar mentalidade, combater atitudes discriminatórias e superar o preconceito.

Por outro lado, sendo a escola um espaço educativo, não sendo o único, precisa fazer o seu papel de educar para a superação do preconceito. Pois se o tema é tratado no ambiente escolar, há a irradiação da consciência em relação à recusa do preconceito para mais esferas da vida coletiva (CORTELLA E FERRAZ, 2012, p. 54). Como nos responde uma das entrevistadas, precisamos *“fazer com que as pessoas compreendam que o preconceito não é bom, devemos ensiná-las a respeitar o diferente”* (Estudante C, 24/08/2015, CEA, 30mim).

Ao referir a relação das diferenças, Menezes (2012) aborda que a escola é um espaço de diversidade privilegiado para aprender a resolver conflitos e saborear a graça do convívio com a diferença. Sendo assim a melhor maneira de combater os preconceitos. Deste modo,

*“Podemos evitar o preconceito fazendo desse jeito: aceitando as diferenças, cores e raças, não importa a cor que ele tem, a condição social que essa pessoa tem, o que importa nessa pessoa é o seu caráter e o que tem no seu coração”* (Estudante G, 23/08, 2015, CEA, 30mim).

É neste convívio das diferenças que a escola precisa promover a recusa ao preconceito. E para isso é necessário estabelecer alguns princípios e valores. Segundo Scopel e Gomez (2006, p. 8), a escola se torna responsável pela socialização de valores pertinentes ao reconhecimento e respeito às diferenças dentro da sociedade, pois é tida como local de experiência para a apreciação das diversas formas. Por certo, as ações preconceituosas devem ser superadas com a inserção de valores básicos para uma relação interpessoal de respeito.

A propósito os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 33) destaca ainda,

Os valores orientam as ações e possibilitam fazer juízo crítico sobre o que se toma como objeto de análise. Vale lembrar que existem diferenças e até conflitos entre sistemas de normas na

sociedade, que respondem de maneiras diversas às diferentes visões e interpretações de mundo (PCN 1997, p. 33).

Deste modo, no ambiente escolar os valores devem se fazer presente, de modo que todos os professores, independente da sua disciplina, coloquem na sua prática pedagógica e se torne uma tarefa de aprendizagem e vivência. Conforme Scopel e Gomez (2006, p. 10) a escola deve ser um lugar onde valores morais são construídos, refletidos e não meramente impostos. Ou seja, os valores precisam ser uma prática de todos, não se pode acreditar na máxima *“faça o eu digo e não faça o que eu faço”*, em outras palavras o professor dita e o aluno pratica. Ambos precisam preservar a convivência pautada em valores humanos.

Frente a isso pode-se afirmar que falta desses valores abre espaço para o preconceito. E um dos valores que precisa se preservar é o respeito. Compreende-se que o preconceito se manifesta por falta desse respeito pela diferença do outro, e como cita uma estudante precisamos aprender a respeitar, enxergar a diferença do outro com respeito (Estudante C, 24/08/2015, CEA, 30mim).

Assim, a escola precisa ter a atitude de prevenir e recusar o preconceito, ainda que não seja fácil, mas isso é necessário para a construção de uma educação igualitária, que respeita o direito do outro. Sabemos que não vamos determinadamente acabar com o preconceito, porém é preciso adotar o pensamento de que cada um pode fazer a sua parte, começando pelas pequenas ações.

Pequenas ações como essas que precisam ser tomadas por todos (professores, estudantes, direção e todos os funcionários) e *“respeitar as outras pessoas e parar de julgar as pessoas pelas suas aparências”* (Estudante F 23/08/2015, CEA, 25mim) é uma ótima iniciativa para recusar o preconceito.

Como ilustra Cortella e Ferraz (2012) o corpo de Bombeiros nos ensina que *“nenhum incêndio começa grande”*. De fato, todo incêndio começa com uma faísca. E isso podemos trazer para o nosso cotidiano e convívio escolar. São as pequenas infrações, que precisam ser combatidas, que geram grandes

conflitos. O educador precisa estar atento e retirar do círculo de convívio estas pequenas infrações, brincadeiras, músicas, piadas, é necessário impedir estas ações que só produzem constrangimento e ameaça os direitos humanos.

Durante a aplicação do projeto interventivo isso foi bem enfatizado, “precisamos recusar o preconceito” e isso se dá no dia-a-dia, ponderando nossas brincadeiras, os termos referidos ao outro, os gestos e tantas outras atitudes que dão margem ao preconceito.

Por consequência, verifica-se que a maioria dos estudantes tem evitado chamar o colega por “apelidos” ofensivos, o que ocorria com frequência. Também, professores têm buscado auxiliar os estudantes neste convívio de respeito à diferença, cortando sempre as chamadas “brincadeiras”.

Acredita-se, pois, que com a proposta do projeto interventivo, a escola vigente compreendeu que tem um papel fundamental na construção de uma sociedade na valorização e promoção dos direitos humanos. Isso é nítido, quando a direção leva para a pauta da reunião bimestral com os pais o tema preconceito.

Conclui-se, portanto, que a superação do preconceito na sociedade perpassa pela escola, e a escola precisa reconhecer isso. Além do seu compromisso com a escolarização do indivíduo, ela tem também um compromisso social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os muitos desafios que a escola enfrenta, está a preparação do indivíduo para a sociedade, um indivíduo não somente escolarizado, mas um indivíduo que seja capaz de desenvolver o seu papel de cidadão. Para tanto, ela não pode estar sozinha, necessita da presença da família, que também, é responsável na formação deste cidadão.

Na atualidade o exercício da cidadania implica no respeito à diferença, muito se tem discutido, mas é necessário que coloquemos em prática. A educação em e para os direitos humanos se pauta nesta perspectiva, a construção de um indivíduo, um cidadão, capaz de viver na família, na escola, na sociedade, respeitando as diferenças. Busca-se uma escola que seja capaz de escolarizar, mas também ensinar valores para superar as ideias preconceituosas que perdura na sociedade por muito tempo.

O preconceito estilhaça a possibilidade de uma vida plena, nos tira a beleza de conviver com a diversidade. Diminui e fere a dignidade humana, retira os seus próprios direitos. E a escola precisa tomar a decisão de prevenir e recusá-lo.

O presente trabalho teve por objetivo central identificar como o preconceito se manifesta no ambiente escolar visando a compreensão de todos do seu papel na superação do preconceito. Os dados provenientes deste estudo mostram que muito é fácil falar e o quanto é difícil quando preciso partir para a ação. Identificar a manifestação do preconceito é muito fácil, rápido, mas quando digo o que preciso fazer para recusá-lo, percebe-se uma timidez, uma falta de vontade, principalmente daqueles que estão a frente da escola.

Levando em consideração que os preconceitos são uma construção social, que desde o seio familiar o ser humano já absorve algumas atitudes preconceituosas, entende-se que a escola tem um papel nada fácil. Mas como aponta os entrevistados, mesmo de modo tímido, é preciso começar com pequenas ações, como a rejeição das “brincadeiras”, e partir para a prevenção, recusa e conseqüentemente a superação do preconceito.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: ética e temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997. v 8.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual: MEC/SEF, 1997. v 10.

CORTELLA, Mário Sérgio. FERRAZ, Janete Leão. Escola e Preconceito: docência, discência e decência. São Paulo: Ática, 2012.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MENEZES, Luis Carlos de. O preconceito está em nós. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/preconceito-466789.shtml> acesso: 20/09/2015.

MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília, 2008.

SCOPEL, Delza Tonole. GOMEZ, Mercedes Silveiro. O papel da escola na superação do preconceito na sociedade brasileira. Revista Educação e Tecnologia – Ano 2 – Número 1 – abr/set – 2006 – Faculdade de Aracruz – ES. Encontrado em: <http://pt.slideshare.net/janayna/preconceito-na-escola> acesso: 03/09/2015.

Silva, D. J. Educação, preconceito e formação de professores. Em R. M. C. Libório & Silva, D. J. (Orgs.), *Valores, Preconceitos e Práticas Educativas* (pp. 125-141). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.